

O CRIME DO VENCEDOR

A TRILOGIA DO VENCEDOR: LIVRO DOIS

uma saga de

MARIE RUTKOSKI

tradução

GUILHERME MIRANDA

PLATA
FORMA 

TÍTULO ORIGINAL *The Winner's Crime*

© 2015 by Marie Rutkoski. Publicado mediante acordo com
Charlotte Sheedy Literary Agency. Todos os direitos reservados.
© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago
EDITORA-ASSISTENTE Thaise Costa Macêdo
PREPARAÇÃO Carla Bitelli
REVISÃO Luciane Gomide
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt
DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi
FOTO DE CAPA © 2015 by Ali Smith
CAPA Elizabeth H. Clark

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rutkoski, Marie

O crime do vencedor / Marie Rutkoski; tradução Guilherme
Miranda. — São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2016. —
(A trilogia do vencedor; v. 2)

Título original: *The Winner's Crime*.
ISBN 978-85-507-0040-3

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

16-05455

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil O28.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br

editoras@vreditoras.com.br

ELA SE CORTOU AO ABRIR O ENVELOPE.

Kestrel tinha ficado ansiosa, tinha sido ingênua, atacando a carta simplesmente porque estava escrita em alfabeto herrani. O abridor de cartas escorregou. Gotas de sangue acertaram o papel e vicejaram brilhantes.

Era óbvio que não vinha dele. A carta era do novo ministro da agricultura de Herran. Ele escreveu para se apresentar e dizer que estava ansioso para se conhecerem. *Creio que temos muito em comum e muito a discutir*, eram suas palavras.

Kestrel não soube ao certo o que ele quis dizer com isso. Ela não o conhecia nem nunca tinha ouvido falar dele. Embora imaginasse que tivesse de se encontrar com o ministro em algum momento – afinal, era a embaixadora imperial junto ao território recém-independente de Herran –, Kestrel não estava ansiosa para se reunir com o ministro da *agricultura*. Não tinha nada a discutir sobre rotação de culturas ou fertilizantes.

Kestrel notou o tom arrogante de seus pensamentos. Sentiu a forma como retorcia a boca. Percebeu que estava furiosa com a carta.

Estava furiosa consigo mesma. Com a maneira como seu coração havia saltado ao ler seu nome rabiscado em alfabeto herrani no envelope. Ela havia desejado com toda a força que a carta fosse de Arin.

Mas fazia quase um mês que não tinha notícias dele, desde que lhe oferecera a liberdade de seu país. O envelope não tinha sido endereçado pelas mãos dele. Ela conhecia sua letra. Conhecia

os dedos que teriam segurado a pena. As unhas cortadas de maneira bruta, as cicatrizes prateadas de queimaduras antigas, os calos ásperos de sua mão... nada que combinasse com a elegância de sua letra cursiva. Kestrel devia ter notado imediatamente que a carta não era dele.

Mesmo assim: o corte rápido do papel. Mesmo assim: a decepção.

Kestrel deixou a carta de lado. Tirou a cinta de seda que usava, descosendo-a sob a adaga que ela, como todos os valorianos, usava amarrada à cintura. Enrolou a cinta em volta da mão ensanguentada. Estava estragando a seda cor de marfim. Seu sangue a manchou. Porém, uma cinta arruinada não era nada, não para ela. Kestrel era noiva do príncipe Verex, herdeiro do império valoriano. A prova disso era marcada todos os dias em sua testa com uma linha oleosa e reluzente. Ela tinha cintas e mais cintas, vestidos e mais vestidos, um rio de joias. Era a futura imperatriz.

No entanto, quando se levantou da cadeira de ébano entalhado, sentiu-se zozna. Olhou ao redor em seu escritório, um dos muitos cômodos de sua suíte, e ficou incomodada com as paredes de pedra, os cantos dispostos em ângulos retos insistentes, a maneira como dois corredores estreitos davam para aquele ambiente. Devia fazer sentido para Kestrel, que sabia que o palácio imperial também era uma fortaleza. Corredores estreitos eram uma forma de retardar o avanço de forças invasoras. No entanto, parecia frio e estranho. Era muito diferente de sua casa.

Kestrel lembrou a si mesma que sua casa em Herran nunca tinha sido de fato sua. Ela podia ter sido criada naquela colônia, mas era valoriana. Estava onde deveria estar. Onde havia escolhido estar.

O corte parou de sangrar.

Kestrel largou a carta e foi trocar seu vestido diurno por um de jantar. Esta era a sua vida agora: tecidos finos e bainhas de seda ondulada. Um jantar com o imperador... e o príncipe.

Sim, essa era a sua vida.

Ela tinha que se acostumar.



O imperador estava sozinho. Ele sorriu quando ela entrou na sala de jantar cercada por paredes de pedra. Seu cabelo grisalho estava cortado rente no mesmo estilo militar do pai dela, e seus olhos castanhos estavam alertas. Ele não se levantou da longa mesa para cumprimentá-la.

– Vossa Majestade Imperial. – Ela fez uma reverência com a cabeça.

– Filha. – A voz dele ecoou no cômodo abobadado. Ressoou contra os pratos e copos vazios. – Sente-se.

Ela se moveu para sentar.

– Não – ele disse. – Aqui, à minha mão direita.

– Esse é o lugar do príncipe.

– Ao que parece, o príncipe não está aqui.

Ela se sentou. Escravos trouxeram o primeiro prato. Serviram vinho branco. Ela podia ter perguntado por que o imperador a havia chamado para o jantar e onde estava o príncipe, mas Kestrel tinha visto como ele adorava transformar o silêncio numa ferramenta capaz de trazer à tona o nervosismo das pessoas. Ela deixou que o silêncio crescesse até ser tanto dela quanto dele e, só quando chegou o terceiro prato, ela disse:

– Ouvi dizer que a campanha contra o oriente está indo bem.

– É o que seu pai escreve do fronte. Preciso recompensá-lo por uma guerra travada com excelência. Ou talvez, lady Kestrel, seja você que eu deva recompensar.

Ela bebeu da taça.

– O sucesso dele não é mérito meu.

– Não? Foi *você* quem me aconselhou a acabar com a revolta herrani dando autonomia àquele território sob meu comando. Foi *você* quem argumentou que isso liberaria tropas e dinheiro para abastecer minha guerra no oriente e, arre – ele fez um floreio com a mão –, você estava certa. Que conselhos sábios vindos de uma pessoa tão jovem.

As palavras dele a deixaram nervosa. Se ele soubesse o verdadeiro motivo por que ela havia defendido a independência herrani, ela teria de pagar por isso. Kestrel experimentou a comida preparada com esmero. Havia barquinhos feitos de carne, com velas de gelatina. Ela comeu devagar.

– Não está gostando? – perguntou o imperador.

– Estou sem fome.

Ele soou o sino dourado.

– Sobremesa – ele informou ao garçom que surgiu de prontidão.

– Vamos pular direto para a sobremesa. Sei como as senhoritas adoram doces. – Mas, quando o rapaz voltou trazendo dois pratos pequenos de uma porcelana tão fina que Kestrel podia vez a luz cortando as bordas, o imperador disse: – Para mim, não. – Um prato foi colocado diante de Kestrel junto com um garfo estranhamente leve e translúcido.

Ela se acalmou. O imperador não sabia a verdade sobre o dia em que ela insistira em pôr fim à revolta herrani. Ninguém sabia. Nem mesmo Arin sabia que ela havia comprado a liberdade dele com algumas palavras estratégicas... e a promessa de se casar com o príncipe herdeiro.

Se Arin soubesse, teria sido contra. Teria causado a própria ruína.

Se o imperador soubesse *por que* ela tinha feito aquilo, teria causado a ruína *dela*.

Kestrel olhou para a pilha de creme rosa batido em seu prato e para o garfo translúcido, como se compusessem todo o seu mundo. Ela precisava falar com cautela.

– De que recompensa eu precisaria se você me entregou seu único filho?

– E é uma recompensa e tanto. Mas ainda não marcamos uma data para o casamento. Quando poderia ser? Você tem sido muito reticente sobre o assunto.

– Achava que o príncipe Verex deveria decidir. – Se a decisão fosse deixada para o príncipe, a data do casamento seria nunca.

– Por que *nós* não decidimos?

– Sem ele?

– Minha querida, se a mente esquecida do príncipe não consegue se lembrar de algo tão simples como o dia e a hora de um jantar com seu pai e sua noiva, como podemos esperar que ele planeje qualquer parte do evento de Estado mais importante das últimas décadas?

Kestrel não disse nada.

– Você não está comendo – ele disse.

Ela enfiou o garfo translúcido no creme e o levou à boca. Os dentes do garfo se dissolveram contra a língua dela.

– Açúcar – ela disse com surpresa. – O garfo é feito de açúcar endurecido.

– Gostou da sobremesa?

– Sim.

– Então deve comer tudo.

Mas como terminar o creme se o garfo continuava a se dissolver toda vez que ela o levava à boca? A maior parte do garfo continuava na mão dela, mas não iria durar.

Um jogo. A sobremesa era um jogo. A conversa era um jogo. O imperador queria ver como ela jogava.

Ele disse:

– Acho que o fim do mês seria ideal para um casamento.

Kestrel comeu mais um pouco do creme. Os dentes desapareceram por completo, deixando algo que lembrava uma colher abortada.

– Um casamento no inverno? Não haverá flores.

– Você não precisa de flores.

– Se você sabe que senhoritas gostam de sobremesa, deve saber também que gostamos de flores.

– Imagino que prefira um casamento na primavera, então.

Kestrel ergueu um ombro.

– O ideal seria o verão.

– Felizmente, meu palácio tem estufas. Mesmo no inverno, podemos cobrir o grande salão de pétalas.

Kestrel comeu mais um pouco da sobremesa. Seu garfo se transformou num cabo plano.

– A menos que você queira adiar o casamento – ele disse.

– Estou pensando nos convidados. O império é vasto. Virão pessoas de todas as províncias. O inverno é uma época terrível para viajar e a primavera apenas um pouco melhor. Chove nessa estação. As estradas ficam enlameadas.

O imperador se recostou na cadeira, examinando-a com um sorriso no rosto.

– Além disso – ela continuou –, eu odiaria perder uma oportunidade. Você sabe que os nobres e os governadores lhe darão todo o possível, favores, informações, ouro, em troca dos melhores lugares no casamento. O mistério do que vou vestir e que música será tocada vai distrair o império. Ninguém notaria se você tomasse uma decisão política que, em outra ocasião, enfureceria milhares. Se eu fosse você, aproveitaria meu longo noivado. Gastaria todo o potencial dele.

Ele gargalhou.

– Ah, Kestrel. Você vai ser uma grande imperadora! – Ele ergueu a taça. – À sua feliz união, no dia de Primeiro Verão.

Ela teria que brindar a isso se o príncipe Verex não tivesse entrado na sala de jantar e parado de súbito, com os olhos grandes demonstrando todas as mudanças de sentimento: surpresa, mágoa, raiva.

– Você está atrasado – disse seu pai.

– Não estou. – Verex cerrou os punhos.

– Kestrel conseguiu chegar aqui no horário. Por que você não?

– Porque você me disse a hora errada.

O imperador estalou a língua.

– Você decorou errado.

– Você está me fazendo passar por tolo!

– *Eu* não estou fazendo nada.

A boca de Verex se fechou. Sua cabeça balançou sobre seu pescoço fino como algo preso numa corrente marítima.

– Venha – Kestrel chamou, gentil. – Coma a sobremesa conosco.

O olhar que ele disparou contra ela mostrou a Kestrel que ele podia odiar os jogos de seu pai, mas odiava ainda mais a companhia dela. Ele saiu da sala.

Kestrel ficou brincando com o toco do garfo de açúcar. Mesmo depois que os sonoros passos do príncipe pelo corredor haviam dado lugar ao silêncio, ela sabia que era melhor não abrir a boca.

– Olhe para mim – o imperador exigiu.

Ela ergueu os olhos.

– Não é por causa das flores, dos convidados ou de uma vantagem política que você quer que o casamento seja no verão – ele disse. – Você quer adiá-lo o máximo possível.

Kestrel segurou o garfo com firmeza.

– Vou conceder a você o que quer, dentro dos limites do aceitável – ele continuou –, e vou lhe dizer o porquê. Porque eu entendo, considerando seu noivo. Porque você não choraminga pelo que quer, mas luta para conseguir. Como eu faria. Quando você olha para mim, vê quem você vai se tornar. Uma monarca. Escolhi você, Kestrel, e vou transformá-la em tudo o que meu filho não é capaz de ser. Uma pessoa digna de assumir meu lugar.

Kestrel ficou olhando fixo, buscando seu futuro naquele velho, capaz de tamanhas crueldades contra o próprio filho.

Ele sorriu.

– Amanhã, gostaria que você conhecesse o capitão da guarda imperial.

Ela nunca havia conhecido o capitão, mas sabia qual era a função dele. Oficialmente, era responsável pela segurança pessoal do imperador. Extraoficialmente, esse dever se estendia a outras funções sobre as quais ninguém falava. Espionagem. Assassínatos. O capitão era bom em fazer pessoas desaparecerem.

– Ele tem algo para mostrar a você – o imperador disse.

– O quê?

– Uma surpresa. Agora fique feliz, Kestrel. Estou lhe dando tudo o que você pode desejar.

Às vezes o imperador era *sim* generoso. Ela já tinha visto audiências em que ele tinha dado a senadores terras particulares em colônias novas ou lugares de poder no Quórum. Mas ela também tinha visto como a generosidade dele tentava as pessoas a pedir mais. Então, as sobrancelhas dele pesavam, como o olhar de um gato, e ela via como os presentes dele faziam as pessoas revelarem o que realmente queriam.

Mesmo assim, ela não podia deixar de querer que o casamento fosse adiado por mais do que alguns meses. Primeiro Verão era melhor do que a semana seguinte, claro, mas ainda era muito cedo. Cedo demais. Será que o imperador aceitaria um ano? Ou mais? Ela começou:

– Primeiro Verão...

– É a data perfeita.

O olhar de Kestrel recaiu sobre sua mão fechada, que se abriu com um aroma doce e pousou vazia sobre a mesa.

O garfo de açúcar tinha desaparecido com o calor de sua mão.

ARIN ESTAVA NO ESCRITÓRIO DO PAI, QUE ELE PROVAVELMENTE nunca conseguiria ver como seu, por mais velhos que ficassem os fantasmas de sua família morta.

Era um dia claro. A janela do escritório dava para uma vista detalhada da cidade, com suas áreas devastadas pela revolta. A luz pálida do sol de inverno conferia um brilho difuso ao porto de Herran.

Arin não estava pensando nela. Não estava mesmo. Estava pensando em como as muralhas da cidade demorariam para ser reconstruídas. Na safra de noz-de-lareira que logo chegaria ao sul do país e em como ela traria o alimento e o comércio tão necessários a Herran. Ele não estava pensando em Kestrel, nem no último mês e uma semana em que não pensara nela. Mas não pensar era como erguer pedregulhos, e ele estava tão distraído por esse esforço que não ouviu quando Sarsine entrou no escritório, sequer notou sua presença até ela enfiar uma carta aberta na cara dele.

O selo rompido mostrava o desenho de duas espadas cruzadas. Uma carta do imperador valoriano. As feições de Sarsine indicaram a Arin que ele não iria gostar do que estava prestes a ler.

– O que é isto? – ele perguntou. – Mais um imposto? – Ele esfregou os olhos. – O imperador deve saber que não temos como pagar, não de novo, tão pouco tempo desde a última arrecadação. Assim já é demais.

– Bom, agora sabemos por que o imperador fez a gentileza de devolver Herran aos herranis.

Eles haviam discutido isso antes. Parecia a única explicação para uma decisão tão inesperada. Antes, os rendimentos de Herran iam para os bolsos dos aristocratas valorianos que a colonizaram. Depois, veio a Revolta de Primeiro Inverno e o decreto do imperador, e esses aristocratas haviam retornado à capital, considerando a perda de suas terras como o custo da guerra. Agora, o imperador podia pilhar Herran através de impostos contra os quais a população não tinha como protestar. A riqueza do território seguia direto para os cofres imperiais.

Um golpe ardiloso. Mas o que mais inquietava Arin era a sensação incômoda de que havia algo que ele não estava vendo. Tinha sido difícil pensar naquele dia em que Kestrel lhe apresentara a oferta e as exigências do imperador. Tinha sido difícil ver qualquer coisa além da linha dourada que marcava a testa dela.

– Só me diga quanto vai nos custar desta vez – ele disse a Sarsine. A boca dela se contorceu.

– Não é um imposto. É um convite. – Ela saiu do escritório. Arin abriu o papel. Suas mãos ficaram imóveis.

Como governador de Herran, Arin era convocado a comparecer à capital valoriana. *Em homenagem ao noivado de lady Kestrel com o príncipe herdeiro Verex*, dizia a carta.

Sarsine tinha chamado aquilo de convite, mas Arin o reconheceu pelo que era: uma ordem, uma que ele não tinha o poder de desobedecer, por mais que, teoricamente, não fosse mais escravo.

Os olhos de Arin deixaram o papel e se voltaram para o porto. Quando ele trabalhava nas docas, um dos outros escravos era conhecido como Guardador de Favores.

Os escravos não tinham posses ou, pelo menos, nada que seus conquistadores valorianos vissem como posses. Mesmo se Arin *tivesse* algo, não tinha bolsos onde guardar. As roupas com bolsos eram reservadas aos escravos domésticos. Essa era a medida da vida sob os valorianos: o povo herrani sabia seu lugar de acordo com a presença ou não de bolsos em suas roupas e com a ilusão de poder ter algo particular dentro delas.

Mas os escravos tinham uma moeda. Eles trocavam favores. Comida a mais. Um catre mais grosso. O luxo de alguns minutos de descanso enquanto outra pessoa fazia seu trabalho. Se um escravo nas docas queria algo, pedia ao Guardador de Favores, o herrani mais velho dentre eles.

O Guardador de Favores mantinha um novelo de lã com uma cor diferente para cada homem. Se Arin tivesse feito um pedido, seu barbante estaria enrolado e preso com um nó em volta de outro, amarelo, por exemplo, e esse barbante amarelo estaria amarrado a um verde, dependendo de quem devia o quê a quem. Os nós do Guardador de Favores registravam tudo.

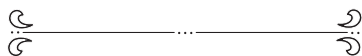
Mas Arin nunca teve nenhum barbante. Nunca pedia nada. Não ofertava nada. Já rapaz naquela época, desprezava a ideia de dever algo a alguém.

Agora, examinou a carta do imperador valoriano. Era lindamente escrita. Fraseada com esmero. Combinava bem com o ambiente de Arin, o verniz de aparência líquida da escrivanhinha de seu pai e as janelas de vidro chumbado que deixavam a luz de inverno entrar no escritório.

A luz facilitava muito a leitura das palavras do imperador.

Arin amassou o papel com o punho e apertou firme. Sentiu falta do Guardador de Favores. Deixaria seu orgulho de lado para se tornar um mero barbante se ao menos pudesse ter o que queria.

Arin trocava seu coração por um nó trançado de barbante se isso significasse que ele nunca mais precisaria ver Kestrel.



Ele se consultou com Tensen. O velho examinou o convite desamassado e alisado, com um brilho nos olhos verde-claros. Colocou o papel grosso e enrugado na mesa de Arin e apontou para a primeira linha de escrita com um dedo ressecado.

– Esta é uma excelente oportunidade – ele comentou.

– Então você vai – Arin disse.

– Claro.

– Sem mim.

Tensen mordeu os lábios. Ele lançou a Arin aquele olhar professoral que lhe servira bem como tutor de crianças valorianas.

– Arin. Não sejamos orgulhosos.

– Não é uma questão de orgulho. Estou muito ocupado. Você vai representar Herran no baile.

– Não acho que o imperador vai ficar satisfeito com um simples ministro da agricultura.

– Estou pouco me lixando para a satisfação do imperador.

– Mandar-me *sozinho* vai insultar o imperador ou revelar que sou mais importante do que pareço. – Tensen coçou a barba grisalha, observando Arin. – Você precisa ir. É um papel que deve representar. Você é um bom ator.

Arin abanou a cabeça.

Os olhos de Tensen ficaram mais sombrios.

– Eu estava lá naquele dia.

No dia do último verão, em que Kestrel o tinha comprado.

Arin conseguia sentir de novo o suor descendo pelas suas costas enquanto aguardava no cercado de espera lá embaixo, no fosso do leilão. A estrutura era telhada, o que significava que Arin não conseguia ver a multidão de valorianos amontoadas no nível da terra, apenas Logro no centro do fosso.

Arin sentia o fedor de sua pele, sentia os pedregulhos sob seus pés descalços. Estava dolorido. Enquanto ouvia a voz de Logro subir e descer no cantarolar cômico de um leiloeiro experiente, ele pressionou os dedos hesitantes em sua bochecha machucada. Seu rosto parecia uma fruta podre.

Logro estava furioso com ele naquela manhã. “Dois dias”, ele havia resmungado. “Alugo você por *dois dias* e você me volta com a cara desse jeito. Qual é a dificuldade de construir uma estrada e ficar de boca calada?”

Aguardando no redil de espera, sem prestar atenção no

burburinho contínuo do leilão, Arin não queria pensar na surra e em tudo o que a havia causado.

Na realidade, os hematomas não mudariam nada. Arin não podia se iludir com a ideia de que Logro conseguiria vendê-lo algum dia para uma casa valoriana. Os valorianos se preocupavam com a aparência de seus escravos domésticos, e Arin não se encaixava nesse papel nem quando seu rosto não estava coberto por vários tons de roxo. Ele parecia um trabalhador braçal. *Era* um trabalhador braçal. Trabalhadores braçais não eram levados para dentro de casa, e era nas casas que Logro precisava plantar os escravos fiéis à revolta.

Arin recostou a cabeça na madeira crua da parede do redil. Lutou contra sua frustração.

Um longo silêncio caiu no fosso. A calma significava que, enquanto Arin não estava prestando atenção, Logro havia fechado negócio e entrado na casa de leilão para um intervalo.

Então o zumbido da multidão, feito uma nuvem de gafanhotos. Logro estava de volta ao fosso, parando perto do bloco em que outro escravo estava prestes a subir.

Para seu público, Logro disse: “Tenho algo muito especial para vocês”.

Todos os escravos no redil de espera se empertigaram. O torpor vespertino ficou para trás. Mesmo o velho – cujo nome Arin descobriria, depois, ser Tensen – ficou visivelmente alerta.

Logro tinha falado em código. “Algo muito especial” transmitia um sentido secreto aos escravos: a chance de ser vendido de forma a contribuir para a revolta. Espionagem. Roubo. Talvez assassinato. Logro tinha muitos planos.

Era o *muito* na frase de Logro que deixara Arin aflito, porque essa palavra indicava a venda mais importante de todas, aquela por que eles estavam esperando: a oportunidade de um rebelde ser colocado na casa do general Trajan.

Quem estava lá no alto, em meio à multidão de valorianos?

O general em pessoa?

E Arin, com toda a sua estupidez, havia desperdiçado sua chance de vingança. Logro nunca o escolheria para a venda.

Quando o leiloeiro voltou o rosto para o redil de espera, porém, seus olhos apontaram diretamente para os de Arin. Os dedos de Logro se contraíram duas vezes. O sinal.

Arin tinha sido escolhido.

– Aquele dia – Arin disse a Tensen, ambos sentados sob a luz de inverno do escritório de seu pai – era diferente. Tudo era diferente.

– Era mesmo? Você estava disposto a fazer tudo pelo seu povo na época. Agora não?

– É um *baile*, Tensen.

– É uma oportunidade. No mínimo, podemos aproveitá-la para descobrir os planos do imperador de roubar a colheita de noz-de-lareira.

A colheita seria em breve. Seu povo precisava muito dela como alimento e para o comércio. Arin pressionou os dedos contra a fronte. Uma dor de cabeça estava crescendo atrás de seus olhos.

– O que há para saber? O que quer que ele tire vai ser demais.

Por um momento, Tensen não falou nada. Depois, disse, lúgubre:

– Faz semanas que não ouço notícias de Thrynne.

– Talvez ele não tenha conseguido sair do palácio e ir à cidade para falar com nosso contato.

– Talvez. Mas já temos poucas fontes preciosas no palácio imperial. É uma época incerta. A elite do império está gastando todo seu ouro para se preparar para a estação de inverno mais abundante da história valoriana, que dirá com o noivado. E os colonizadores que antes viviam em Herran estão cada vez mais ressentidos. Eles não gostaram de devolver as terras roubadas para nós. São uma minoria, e o exército é fiel ao imperador, por isso ele pode se dar ao luxo de ignorá-los. Mas todos os sinais apontam que a corte está em uma situação instável, e não podemos nunca esquecer que estamos à mercê do imperador. Quem sabe o que ele vai decidir depois? Ou como essa decisão vai nos

afetar? *Esta* – Tensen apontou para o convite – seria a maneira ideal de investigar o silêncio de Thrynne. Arin, você está me ouvindo? Não podemos nos dar ao luxo de perder um espião tão bem posicionado.

Assim como Arin estava bem posicionado. Perfeitamente posicionado. Naquele dia no mercado, ele não soube ao certo como Logro descobrira que Arin seria o escravo perfeito para a venda. Logro tinha um talento para identificar fraquezas. Um olho para desejos. De alguma forma, tinha visto dentro do coração da compradora e soubera como manipulá-la.

No começo, Arin não a viu. O sol o havia cegado quando ele entrou no fosso. Houve um burburinho de gargalhadas. Ele não conseguia ver a multidão de valorianos lá no alto. Não se importava com a vergonha incômoda que crepitava em sua pele. Disse a si mesmo que não se importava. Não se importava com o que eles diziam ou com o que ele ouvia.

Então, sua visão ficou mais clara. Ele piscou para vencer o sol. Viu a garota. Ela ergueu a mão para fazer uma oferta.

A visão dela foi um ataque. Ele não conseguia ver seu rosto direito – não *queria* ver seu rosto, não quando todo o resto nela o fazia querer fechar os olhos. Ela tinha uma aparência muito valoriana. Tons dourados. Quase lustrosos, como uma arma erguida contra a luz. Ele mal conseguia crer que ela era de verdade.

E era limpa. Uma pureza de pele e forma. Fazia com que ele se sentisse imundo. Distraiu-o por um momento de notar que a menina era pequena. Frágil.

Absurdo. Era um absurdo pensar que alguém como ela pudesse ter algum poder sobre ele. Mas ela teria se ganhasse o leilão.

Ele queria que ela ganhasse. O pensamento cobriu Arin de uma alegria implacável, vil. Nunca a tinha visto antes, mas adivinhou quem ela era: lady Kestrel, filha do general Trajan.

A multidão ouviu sua oferta. E, de repente, pareceu que Arin valia, sim, alguma coisa.

Arin esqueceu que estava sentado à mesa de seu pai, duas estações depois. Esqueceu que Tensen aguardava que ele dissesse algo. Arin estava de volta ao fosso. Lembrou-se de quando erguera os olhos para a garota, sentindo um ódio que era tão duro quanto puro.

Um diamante.